

Comitê de propaganda da RECC no Piauí

ESCREVER AO POVO

UM GUIA PARA A COMUNICAÇÃO ESTUDANTIL



Fórum de Oposições pela Base



ÍNDICE

<i>Introdução: Porque estudar Comunicação Estudantil?</i>	<i>03</i>
<i>Panorama social: O Estudante-trabalhador</i>	<i>03</i>
<i>As quatro regras gerais da escrita para o povo.....</i>	<i>04</i>
<i>Análise prática dos suportes de escrita.....</i>	<i>05</i>
<i>O jornal</i>	<i>05</i>
<i>O Boletim.....</i>	<i>05</i>
<i>O Panfleto.....</i>	<i>06</i>
<i>A Tese.....</i>	<i>06</i>
<i>A Cartilha.....</i>	<i>06</i>
<i>Conclusão</i>	<i>06</i>
<i>Anexos</i>	
<i>01. Tabela de suportes: Função e objetivos.....</i>	<i>07</i>
<i>02. Método básico de escrita ao povo.....</i>	<i>08</i>
<i>03. Bibliografia indicada.....</i>	<i>09</i>

INTRODUÇÃO: PORQUE ESTUDAR COMUNICAÇÃO ESTUDANTIL?

O mundo está dividido. Não entre bem e mal, ou coisa do tipo. Está dividido em classes sociais: A burguesia (os ricos), dona do poder, e os trabalhadores, que só tem a própria força de trabalho. Para manter esse poder, a burguesia usa várias formas de controle. Uma delas é a mídia. Os ricos usam da mídia para transmitir sua visão do mundo e das coisas. Uma ocupação, para os ricos, é vista como “*vagabundos atrapalhando quem quer assistir aula*”. Mas nós sabemos que não é isso. É a luta pelo que é nosso de direito.

É aí que entra a comunicação estudantil. Para nós é clara a disputa de hegemonia da comunicação. É um cabo de guerra para decidir quem tem a melhor explicação dos fatos. Quem consegue informar melhor, vence a luta. Sem ter isso em mente, sempre perderemos essa batalha, por mais que nossa política seja a certa. E quem não consegue falar, nunca será ouvido.

Para alguns, tudo isso não é novidade. Já notaram a importância de estudar como escrever ao povo. Mas são casos raros. Essa é a hora de dar atenção a esse assunto, para que nossas ideias possam não só chegar ao povo, mas que o povo nos entenda.

Depois de diversas conversas, nós, do Comitê de Propaganda da RECC no Piauí, decidimos transformar em método nossa prática. Isto é, mostrar como fazemos para escrever ao povo. Mas tudo isso não é fruto da nossa cabeça, tirado do nada. Uma pesquisa intensa sobre comunicação sindical foi realizada e adaptada para o Movimento Estudantil. A intenção foi melhorar nossa própria comunicação. Hoje, simplificamos tudo em uma cartilha, para que dentro das nossas forças, possamos ajudar outros núcleos da Rede no país, desde comitês de propaganda à oposições por local de estudo. Por isso, para alguns, vai parecer um “B-A-BÁ”, conversa repetida; mas para outros, uma nova descoberta.

Todos nós somos filhos do mesmo ódio: O ódio de classes. Por isso, como irmãos devemos aprender como funcionam as armas dos nossos inimigos, e usá-las a nosso favor. Dessa forma, nossa vitória não virá por acaso, e será permanente.

PANORAMA SOCIAL: O ESTUDANTE-TRABALHADOR

Uma pesquisa feita 2014¹, mostra que os estudantes universitários no Brasil eram 6,2 milhões. 70% deles já trabalhavam. Isso significa para o mercado, uma mão-de-obra pouco qualificada e barata. Para nós, mostra um projeto político de governos e patrões: Enquanto os filhos do povo se esforçam para sobreviver na Universidade, no trabalho e em casa, os ricos não se preocupam com isso já que

¹ Carta Capital. **70% dos estudantes universitários do Brasil trabalham, diz estudo.**

seus pais podem bancar tudo. Essa estrutura de educação busca manter tudo como está: Os ricos mandando, e os filhos dos pobres obedecendo. Para o trabalho, significa que os filhos dos patrões serão nossos patrões, e os filhos dos empregados serão empregados.

Essa é a principal característica do ensino superior brasileiro: Estudantes-trabalhadores. Se não compreendermos isso, pouco avançaremos em nossa militância. O Motivo é simples: Entre vários meios de nossas ideias chegarem aos estudantes, um dos principais são nossos escritos. E se não soubermos para quem escrevemos, ou pior, acreditar que estamos escrevendo para todos, não escreveremos para ninguém. E assim, todo o nosso esforço vai por água abaixo.

O que então, essa análise ajuda na nossa escrita? Ela nos dá pistas do caminho a seguir, pois mostra um perfil de estudante que tem pouco tempo para leitura, cansado da linguagem “intelectual”, e que sofre muito com as dificuldades do trabalho e da universidade. Isso exige que os militantes usem uma comunicação especial, voltada para esse público.

AS QUATRO REGRAS GERAIS DA ESCRITA PARA O POVO

Essas são algumas regras de comunicação para estudantes-trabalhadores. Não são únicas e universais, e por isso devem ser revisadas sempre, e com base na realidade de cada curso, escola, universidade, cidade, etc. É preciso prestar atenção em que suporte nossas ideias estão sendo distribuídas, pois cada uma exige um tipo de escrita. Dominar essas formas de escrita são fundamentais para todo militante, e só são corretamente aplicadas por meio de: **1. Contato com o povo; 2. Sensibilidade da fala e da escrita.**

#1. Falar de forma simples. Não à toa essa regra é a primeira, principalmente para o Movimento Estudantil. Somos acostumados, por necessidades acadêmicas, a “escrever difícil”. Quanto mais floreado, melhor. Para *ir ao povo*, a regra é inversa. Quanto mais simples, melhor. Escrever de forma simples não significa “rebaixar nossa plataforma política”. Mas sim, expor ela de forma mais clara. O militante que não consegue explicar sua linha política de forma simples, não vai conseguir ir ao povo. E quem não consegue ir ao povo não avança, e se torna um retrocesso na luta popular.

#2. Escrever em frases curtas. Não é teoria da conspiração. Textos feitos com frases curtas, com menos de 20 palavras, são lidos mais facilmente. Isso inclui usar palavras e termos curtos. Nossa capacidade de armazenar informações é pequena, e por isso, precisamos diminuir o tamanho da nossa escrita. Basta lembrar daquela frase clássica do Lênin, ou aquele trecho de um livro do Bakunin, que consegue colocar no papel nossos sentimentos e desejos. Um militante deve ter essa habilidade. Pode ser que alguém que pegue nossos panfletos ou boletins, não consiga ler tudo. Mas vai lembrar que aquele panfleto “é daquele grupo que disse

que a nossa força para mudar as coisas aumenta quando a gente se une em coletivos de curso”, ou que “votar não muda nada, e que só lutando é que nossos direitos são garantidos”.

#3. Identificar nosso principal foco. Vamos escrever para estudantes? Trabalhadores? Desempregados? Donas de casa? Sem sentar junto e avaliar para quem estamos escrevendo, nossa propaganda se perde. E como não somos financiados por ninguém, é um dinheiro difícil jogado fora. Alguns suportes, como os jornais, não permitem fazer esse recorte. Mas outros, como boletins e panfletos, são mais fáceis.

#4. Militar. É impossível um ativista escrever ao povo. Sua linguagem será voluntarista (sem uma linha política definida), ou academicista (intelectual demais). Isso porque só um militante, que vive e luta entre o povo, sabe sua linguagem, seu jeito de ser. Assim, a escrita ao povo é uma dimensão da militância, assim como a militância é uma dimensão da escrita do povo. Uma está ligada a outra, e são inseparáveis. A militância aprimora nossa escrita, porque afasta as travas que a universidade nos coloca. Nossa escrita aprimora nossa militância, porque com ela, nossa agitação, propaganda e organização melhoram.

ANÁLISE PRÁTICA DOS SUPORTES DE ESCRITA

Suportes de escrita são os locais onde podemos escrever. Ver a força e a possibilidade de cada um deles é fundamental, porque além de saber escrever, é preciso saber *o que* escrever e *onde* escrever. Veremos agora os suportes de escrita que utilizamos. Compreender seu uso é aumentar nossa força de comunicação, evitar gastos sem necessidade e avançar na organização do Movimento Estudantil.

O JORNAL

O jornal é um dos suportes mais antigos na divulgação de ideias a nível massivo. Geralmente é composto de mais de duas páginas, impresso em grandes quantidades em papel de imprensa (menor qualidade e mais barato), circula periodicamente e fala sobre vários assuntos. São esses aspectos que definem a estratégia de escrita no jornal. Dependendo do seu tamanho, temos mais liberdade para explicar melhor o que queremos. Isso significa que podemos tratar de assuntos mais complexos, e mostrar de modo mais profundo nossa linha política. A RECC mantém um jornal, o *Avante*, que circula em todo país desde sua fundação em 2009.

O BOLETIM

O boletim pode ser entendido como um suporte periódico, que trata trabalhos específicos, geralmente impressos em uma folha (uma lauda ou duas, frente e verso), para um público exclusivo (estudantes de algum curso ou local

de estudo, trabalhadores de certo setor, etc). Por esse formato, a explicação da nossa linha política é menor. Por isso, geralmente os boletins mostram as atividades e ações realizadas por nossa organização. O comitê de Propaganda da RECC no Piauí, assim como quase todas as organizações filiadas à Rede, possui um boletim.

O PANFLETO

O Panfleto é um suporte não periódico, usado para comunicar muitas pessoas de forma ágil. É feito em papel simples, o que reduz os custos da produção, podendo ser escrito em meia folha de *chamex*, podendo ser xerocado, aumentando a rapidez de fabricação. Esse formato não permite que nossa linha política seja exposta, já que o panfleto é feito para leitura rápida e usado normalmente para convocação de atividades, como reuniões de apresentação, cine-debates, ou assembleias.

A TESE

Tese é uma proposta que defende uma ideia ou um ponto de vista sobre algum assunto. No movimento estudantil, as teses possuem mais de 5 páginas, apresentadas em um livreto junto das teses de outras organizações, e são geralmente exibidas em encontros de área (como o Encontro Nacional dos Estudantes de Pedagogia), congressos de organização (Como o Congresso Nacional dos Estudantes) ou congressos locais (como o Congresso dos Estudantes da UFPI). As teses tem uma tripla função: 1. Disputar a hegemonia da análise da realidade; 2. Disputar militantes de outras organizações; 3. Disputar novos militantes que estão desorganizados. Por isso, a tese está entre a exposição simples e complexa da linha política de nossa organização. É preciso que ela seja escrita com cuidados cirúrgicos, para não parecer nem acadêmico aos ouvidos dos calouros, nem simplista para os militantes de outras organizações. Os militantes da RECC sempre dedicaram esforços para fazer teses para encontros de área, congressos de organização ou locais.

A CARTILHA

A cartilha é um suporte que apresenta nossa linha política para algum assunto específico. Geralmente possui mais de 6 páginas, e é impressa como folheto. Apesar disso sua produção é mais demorada e cara, pois é feita em média escala e exige outros instrumentos, como grampeadores, régua, etc.

CONCLUSÃO

Apesar de tudo o que foi dito, a comunicação estudantil é só mais *um* caminho para propagar nossas ideias. A moral militante, que fabrica nossa persona-

lidade, é também um caminho. Nossas ações coletivas é outro caminho. Queremos mostrar que não só a escrita, mas a prática que mostrará a força de nossas ideias. Como disse Paulo Freire, “*é fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática*”.

Como corrente do ME, não somos “mais uma entre tantas”. Carregamos um jeito único de *fazer* o Movimento Estudantil. Preservar, criar ou adaptar nossos métodos é fundamental. Assim não ficamos “para trás” na luta de classes, pois nossa organização será sempre útil e dará respostas coerentes ao povo. Quem não avança, retrocede. Nosso caminho, desde 2009, tem sido de avanços constantes, e precisamos avançar ainda mais.

ANEXO 01: TABELA DE SUPORTES – FUNÇÃO E OBJETIVOS

Organizamos de forma mais simples os suportes físicos de escrita que a RECC utiliza. Estão organizados em: Nível de comunicação em massa; Função; Alcance; Custo. Alguns casos, como as teses e cartilhas, possuem variações tanto de alcance como de custo, isso porque são usadas para venda em todos os núcleos da Rede, e estão dependentes aos preços locais e à produção do núcleo. Apesar disso, todos os materiais estão disponíveis *online* para *download* gratuito.

- **Jornal** - Nível de comunicação em massa: Alto; Função: Explicar assuntos mais complexos do cotidiano dos estudantes ou ações da organização; Alcance: Nacional; Custo: Alto.
- **Boletim** - Nível de comunicação em massa: Médio; Função: Explicar assuntos específicos para um número menor de estudantes; Alcance: Local/Estadual; Custo: Médio.
- **Panfleto** - Nível de comunicação em massa: Alto; Função: Convocar estudantes para atividades, congressos e assembleias; Alcance: Local; Custo: Médio.
- **Tese** - *Nível de comunicação em massa*: Baixo/Médio; *Função*: Disputar interpretação da realidade, membros de outras organizações e setor desorganizado do movimento estudantil; *Alcance*: Estadual/Nacional; *Custo*: Médio/Alto.
- **Cartilha** - *Nível de comunicação em massa*: Baixo/Médio; *Função*: Usar a linha política da organização para entender determinado assunto; *Alcance*: Local/Nacional; *Custo*: Médio/Alto.

ANEXO 02: MÉTODO BÁSICO DE ESCRITA

Traçaremos aqui um método básico de escrita para matérias em jornais e boletins, que percebemos em muitos textos produzidos pelos núcleos da RECC, mas que nunca foi organizado de forma didática. Alertamos que dependendo do suporte, podemos aumentar o número de parágrafos para cada tópico, por causa da possibilidade de mostrar nossa linha política de forma mais profunda ou não. O método básico de escrita não pode ser usado se desligado das *quatro regras gerais para a escrita do povo*.

1. **Conjuntura** - O primeiro parágrafo pode ser usado para mostrar o quadro político, econômico ou social no país ou no mundo, que provocou o acontecimento que estamos tratando. Sabemos que a realidade é resultado de diversas ações e reações, mas procurar uma central, e falar sobre ela é essencial para ligar o local com o internacional, o reivindicativo com o histórico/estrutural.
2. **Acontecimento** - O acontecimento pode ser entendido como o resultado da conjuntura. É nele que as forças políticas atuam e procuram entender, inclusive nós mesmos. A análise do acontecimento deve ser a mais aproximada do fato.
3. **Ações de outras linhas políticas** - A disputa de linhas políticas é essencial à nossa organização, pois é por ela que mostraremos as falhas e oportunismos de outras entidades estudantis. Nesse parágrafo, o ideal é apontar como outras organizações se portaram diante do acontecimento, e quais suas soluções para o problema.
4. **Nossa ação** - Aqui, indicaremos como nossa organização agiu diante do acontecimento. Caso seja possível, é sempre bom mostrar como nosso posicionamento em outras situações parecidas foi o mesmo, para que nosso leitor perceba que não somos oportunistas.
5. **Nossa saída** - A última parte do escrito é reservada para uma saída, ou seja, a solução que achamos correta para que o problema seja resolvido. Para que seja evitada confusões sobre isso, é fundamental que os militantes conheçam profundamente a organização, para manter nossa unidade tática e afastar o oportunismo.
6. **Palavras de ordem** - As palavras de ordem sintetizam o pensamento geral do texto. Geralmente são utilizadas três palavras de ordem: “uma destrutiva”, apontando a contradição de outras organizações; outra “construtiva”, simplificando nossa forma de resolver o problema, e a última, característica da organização, como uma frase entoada em manifestações, assembleias, etc.

ANEXO 03: BIBLIOGRAFIA E FERRAMENTAS RECOMENDADAS

Colocamos aqui alguns livros que ajudam a entender mais sobre comunicação ao povo. A maioria deles diz sobre comunicação sindical. Nosso trabalho como militantes do movimento estudantil é buscar transformar essas informações para nossa realidade. Parte dos livros listados, estão disponíveis para download na internet.

Claudia Santiago e Vito Giannotti. **Teoria e Prática da Comunicação Sindical**

Claudia Santiago. **Comunicação Sindical: Falando para milhões**

Dicionário de sinônimos *online* www.sinonimos.com.br

Governo do RS. **Manual para uso não sexista da linguagem**

Vito Giannotti. **Comunicação dos Trabalhadores e Hegemonia**

Vito Giannotti. **O que é Jornalismo Sindical**

“Para nós é clara a disputa de hegemonia da comunicação. É um cabo de guerra para decidir quem tem a melhor explicação dos fatos. Quem consegue informar melhor, vence a luta. Sem ter isso em mente, sempre perderemos essa batalha, por mais que nossa política seja a certa. E quem não consegue falar, nunca será ouvido”.